

09-09-2020

DIARREIA

Eguimar Felício Chaveiro

[Doutor em Geografia Humana - Livre-docente
da UFG/Universidade Federal de Goiás]

O poeta Ferreira Gullar com o seu poema “A bomba suja” introduziu na poesia a palavra “diarreia”.

O poema começa assim:

**“Introduzo na poesia
A palavra diarreia.
Não pela palavra fria
Mas pelo que ela semeia**

**Quem fala em flor não diz tudo
Quem me fala em dor diz demais.**

**O poeta se torna mudo
Sem as palavras reais”**

Podemos afirmar ao poeta: no Brasil atual diarreia é uma palavra real. Talvez o problema seja mais grave: sofremos de uma disenteria, sai sangue pelo ânus.

Não é para menos. Militarismo se mistura ao evangelismo financeiro; cretinices de toda sorte fazem par com a homofobia. Racismo e paranoia estão em núpcias em laivos fascistas; cinismo com ameaça montam o figurino. Fragilidade do sistema jurídico e descaramento na retirada de direitos dos trabalhadores.

Tudo isso alimenta a cena diária, desce pela boca amarga dos brasileiros, infesta a flora intestinal, polui os ouvidos de palavras putrefatas. Tudo isso gera diarreia no nome do país. Como se sabe, a diarreia é uma desorganização intestinal; é uma indisposição total do corpo a um conjunto de agentes infectantes, como a alimentação estragada, o uso de toxinas ou mesmo o efeito de condições emocionais estafantes, como o estresse e a ansiedade.

Ferida e ameaçada a flora intestinal reage com rápidas e, às vezes, descontroladas evacuações amolecidas e amareladas. Multiplica-se, num total desgoverno, a saída da bosta do organismo como se fosse um trem descarrilhado. No descarrilho estomacal, o organismo, em total rejeição ao que chega dentro, antes mesmo de subtrair os nutrientes necessários à sua reprodução, solta a massa fétida sem nenhum charme vertido ao espelho.

De forma variável e detestável, em tom de desespero, a bosta, nem sempre silenciosa, tende a tomar conta do itinerário do sujeito reduzindo-o a um território aliviador: o banheiro. Contudo, haveremos de entender: a diarreia é um grito, um pedido de socorro. Pois bem!

Somos, em função da diarreia colonizadora, um país desidratado, relativamente pálido.

A diarreia estrutural que insiste em se revelar no atual contexto nacional, é perturbadora. O sistema jurídico com forte elo às oligarquias patronais; o complexo médico-acadêmico-industrial-hospitalar de mãos dadas com os fatores de adoecimento; o congresso nacional submetido à feira de negócios com o executivo; a maioria das facções religiosas e os vendilhões do paraíso; as TVs e as formações de ídolos vazios, descem mal no estômago do país. Ainda se pode diagnosticar que tem causado diarreia no Brasil a atual proposta de reforma administrativa do governo federal; o incentivo ao desmatamento da floresta amazônica; a invasão de terras indígenas; a criminalização das lideranças de movimentos sociais que lutam por justiça; a formação de grupos antidemocráticos; a corrupção protegida pelas leis de imunidades; a violência policial; o feminicídio; o racismo estrutural... Há que saber: a diarreia brasileira, embora suja e genuinamente gestada por um proselitismo que, geralmente, une bíblia, bala e boi, faz parte da diarreia global. É uma diarreia submissa, outros países evacuam sobre nós com o seu domínio econômico; e também com o controle dos seus impérios agroalimentares; das suas corporações que manietam o mercado de minérios. Alguns desses países se beneficiam do intercâmbio desigual de moeda e da imposição de modelos científicos e tecnológicos que, sem dó, operam a erosão genética, a contaminação da água e do solo e a poluição do ar. Entretanto, há no Brasil autênticos paliativos, como a água de coco, o soro caseiro, o chá de camomila e a sopa de cenoura. E há mãos que, apesar das ameaças, se juntam; há espíritos que enfrentam toda e qualquer tipo de submissão; como há gente das religiosidades que prezam pela humildade, pela irmandade coletiva, pela luta contra a desigualdade social, contra a precarização do trabalho e do trabalhador.

Haveremos de entender também que - dialeticamente - a diarreia é uma forma de sobrevivência.

Não há como guardar no organismo os efeitos deletérios do patrimonialismo, do escravismo, do coronelismo, da política das mercês, do latifúndio e do racismo estrutural, como se tudo fosse natural e irremovível. Da diarreia brasileira vem uma lição: o organismo, com a sua inteligência vital, está nos dizendo que não se deve guardar merda no corpo, na mente, na percepção. É preciso desvencilhar-se da merda nacional e internacional. O corpo quer se estabelecer para o amor. E para a justiça. O poeta tem razão: no Brasil diarreia é uma palavra real. ■ ■ ■

OBS. Os textos expressam a opinião de seus autores, não necessariamente coincidente com a dos coordenadores do Blog e dos participantes do Fórum Intersindical. A cada reunião ordinária, os textos da Coluna Opinião do mês são debatidos, suscitando divergências e provocando reflexões, na perspectiva de uma arena democrática, criativa e coletiva de encontros de ideias em prol da saúde dos trabalhadores.